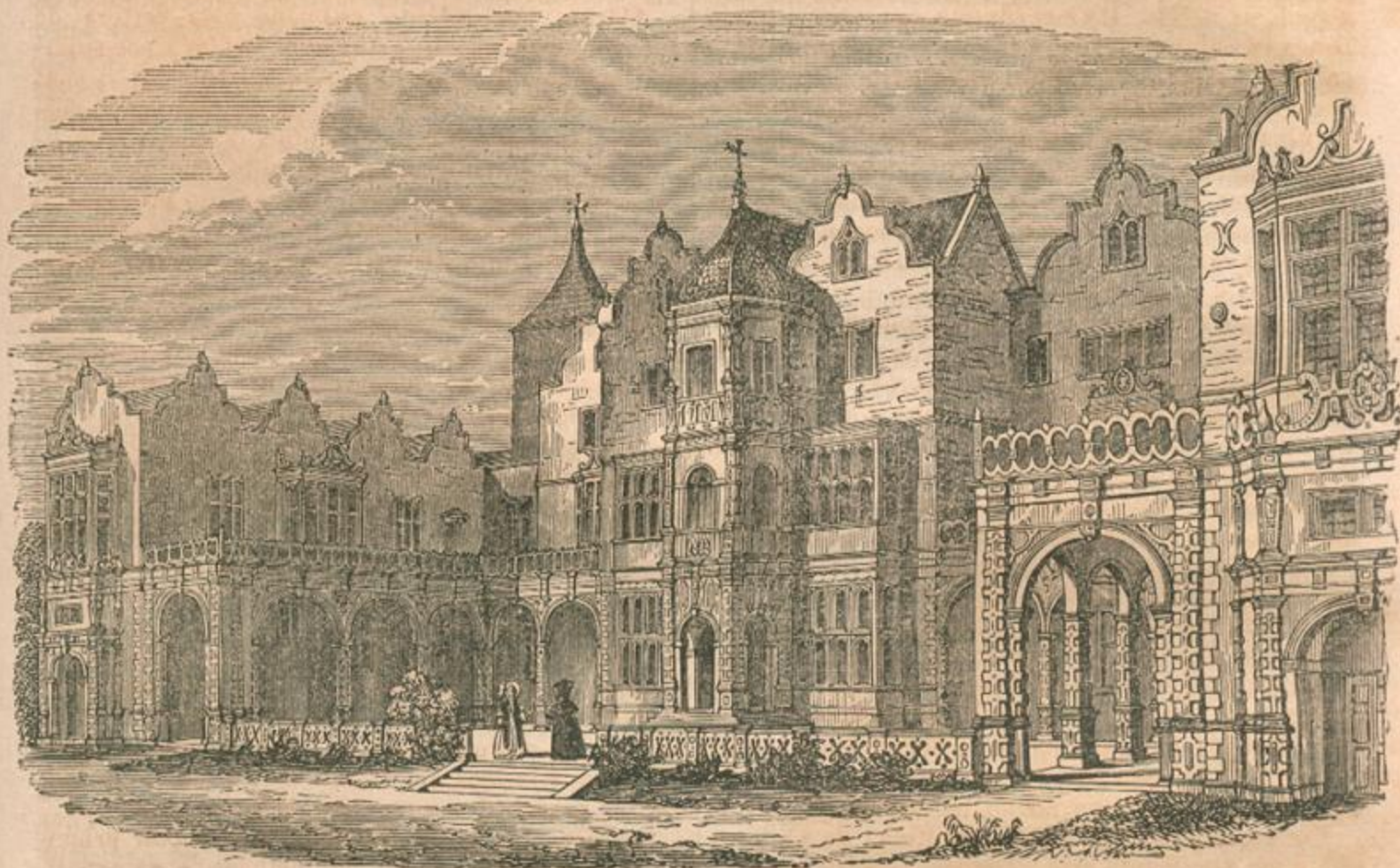




PALACIO DE LORD HOLLAND EM KESINGTON.

HA pouco mais de dois seculos, no governo da rainha Isabel da Graã-Bretanha, creou-se um estilo mixto d'architectura, que não sahi daquelle paiz, e a que deram o nome de *elisabethano*: o orgulho nacional tão exaltado quanto o fanatismo religioso, e de combinação com este, imprimia o sello das opiniões, que vogavam com mais credito, quer nos actos governativos, quer nos discursos e nos livros, quer nos monumentos de pedra. Aniquilaram os tempos o entusiasmo; e ao passo que a politica desapprova as violencias desse reinado, embora feliz a certos respeito, o bom gosto da litteratura e das artes condemna as obras que então eram applaudidas excessivamente pela multidão. — Nem a magestosa simplicidade antiga, nem a severidade gothico-normanda, se divisavam nos edificios d'então: todavia a par de immensas monstruosidades appareceram concepções, se bem que raras, de genios que se fossem illustrados pela arte regular de nossos dias, e não obrigados a sacrificar seus talentos ao predominio da epocha, teriam adquirido nome, e completado obras perfectas. Tanto é certo que apesar dos esforços e tendencias do engenho, o espirito do seculo com suas falsas idéas influe no credito das melhores reputações, que injustamente são julgadas pelos que não sabem transportar-se ás eras antigas, e descobrir imparcialmente as divisas do genio estampadas no labyrintho dos defeitos. — Se o estilo elisabethano era absurdo, houve quem o aproveitasse, e se o não pôde fazer symetrico e agradável, appresentou-o magnifico e vistoso. Thorpe, edificando a casa Holland, em Kesington, a duas milhas de Londres, é prova do que deixámos dito; dessa construcção servirá de specimen a frontaria meridional, que o precedente desenho representa, como ella estava antes dos modernos repa-

ros e modificações. — Ao proprietario mais rico de Inglaterra pertence este predio. — Miudear a descripção d'um palacio particular seria não accrescentar noticias uteis aos nossos leitores: e as suas recordações historicas são tão especialmente inglezas, e de connexão tão pouco relacionada com factos importantes que é melhor abster-mo-nos de as citar. — Se alguém nos retorquir, — e porque vos demorais em particularidades ao tratar de um edificio, por exemplo, asiatico? — Responderemos: — é tão casada essa materia com os habitos de povos, inteiramente dissemelhantes dos nossos, que para bem os avaliar, para se conhecer a sua historia, é necessario consulta-los no lar domestico, ver como edificam, e como vivem; porque o perfeito conhecimento de um povo não está simplesmente na memoria das suas batalhas e nas chronicas dos seus governantes, mas sobre tudo na indagação das suas leis, costumes e habitos particulares.

O QUE FORAM PORTUGUEZES!

1640.

(Pequeno esboço de um quadro grande.)

II.

Ô PASSADAS glorias da nossa terra, que saudades nos despertais! epochas grandes deste bom nome antigo de portuguezes que immenso vulto fazeis! como sois luminosas e affamadas. — Salve, amada terra nossa, patria de toda a grandeza, tão rica de nobres nomes, tão fertil de acções excellentes!

— «Ainda elles não virão!» —

Dizia ancioso um ancião de longas barbas e ra-

2.^a SERIE — VOL. I.

AGOSTO 20 — 1842.

ras cans, medindo com passos largos o pavimento lageado d'uma ampla salla. A escassa luz que nella havia podiam vêr-se os impacientes gestos do velho que só parecia sê-lo nos annos — não nos insofridos meneios, nem no porte vigoroso. Levava com vehemencia a mão á fronte calva, e no longo ir e vir do seu energico passeio assomava a uma janella grande que descobria longe, demorando-se momentos nella, e repetia com um suspiro ruidoso:

— «Ainda elles não virão!» —

Corria a noite. — A salla em que achámos o ancião era um vasto recinto de veneranda apparencia, mas simples e tristonho — sobre uma mesa escura de pés torneados tendo por cima em grande altura uma especie de docel azul-escuro com galões de prata usados, via-se um candieiro singello com uma só luz. — As paredes eram vestidas de grandes paineis representando, mal ou bem, donas e guerreiros, cujos rostos ganhavam certa expressão estranha e com seu que de misteriosa, no sobresahir do pálido colorido sobre o fundo negro das armas e vestiduras. Eram retratos antigos que pareciam revolver aquelles olhos amortecidos e descerrar os labios gelados lá do meio das suas sombras, como para aconselhar os vivos. De resto uma longa banca de pinho forrada, alguns escabellos, e boa porção de largas cadeiras de couro lavrado de Flandres eram os unicos ornatos daquella severa e silenciosa casa. Lá fóra porem a natureza folgava por uma saudosa noite de luar, dessas como ha poucas — lindo luar que elle era! e lindo effeito fazia entrando em cheio pela janella aberta e tingindo as lageas, ao passo que a sombra grande do ancião toda se alongava por ellas no espaço allumiado. Tinham dado nove horas. A cidade ia adormecendo. Cahiam pouco a pouco todos os rumores que são como o longo resfolgar dos vastos povoados — Lisboa — a nobre Lisboa, tão buliçosa, tão inquieta, e tão cheia de movimento ia-se vagarosamente calando — cada momento que passava levava-lhe um signal da sua superabundante vida — vida laboriosa de um dia, que a noite tragava como um tumulto aberto, que o dia seguinte vomitava de novo como um volcão renascente.

— «Ainda elles não virão!» —

Clamava pela centesima vez o ancião já deveras impaciente, fincando o punho no parapeito da janella e alongando os olhos, quando o som confuso de distante rodar pareceu vir alegre-lo, pois respirou á vontade como se expellira algum peso grande do coração, e voltou para dentro com ar de satisfeito.

— «Ah! agora sim que são elles.» —

Era o costumado desafogo de quem a esperar se desespera, e já mais de uma vez tem visto burlado o seu esperar.

Desta não se enganára o velho. — O sonoro rodar cessou quasi immediatamente, postoque longe — passados alguns erédos ouviu-se bater de vagar a uma porta exterior que se abriu por mão invisivel, e pouco depois entraram sem cerimonia um homem de meia idade, de nobre porte e nobres feições, acompanhado de outro mais moço mas em tudo semelhante.

«Boa noite, conde — disse o ancião para o mais velho dos que haviam entrado, sem se erguer da cadeira em que se lançara como quem de razão devia estar estafado de tão aturado passeio — boa noite. — Pelas barbas de meu pai que já cuidava que não vinheis.»

— «Tal não cuidareis, Sr. D. Miguel d'Almeida — respondeu o que foi saudado com o titulo de conde — não, tal não cuidareis de mim nem deste — indicava o moço que o seguia.

— «Não?»

— «Não que o não podieis. . . . »

— E assim é que não podia, não. De vós, conde d'Athouguia, mais d'esse, vosso irmão no sangue e na lealdade de portuguez, estou eu tão certo como de mim . . . mais que de mim, que vós sois moços e tendes braços alentados, e eu . . . eu cá me arrasto como posso . . . e em fim . . . se já não tiver pulso para a espada sempre heide ter lingua para vos bradar, no meio da refrega, como aquelle bom cavalleiro do duque de Coimbra: — «Andai, faltar, faltar rapazes!»

O velho estava erguido; tinha tomadas nas suas mãos as mãos dos dois irmãos — o conde d'Athouguia e D. Francisco Coutinho — e pelas faces animadas da subita exaltação escoavam-lhe lentamente duas lagrimas — generosas lagrimas eram aquellas . . . era bem de portuguez o coração d'onde manavam . . . era . . . Daquelles já não ha hoje!

— «De quantos entre nós se prezam de leaes e valentes — respondeu commovido o conde — nenhum ha que não deva . . . e não queira aprender de vós!»

— «Foi tempo!» — acudiu D. Miguel d'Almeida — mas não pôde continuar que repetidas pancadas, dadas tambem mansamente, se fizeram ouvir por certo espaço. D'aqui por diante foi um continuo entrar de novas personagens, que todas pareciam terem justo hora e lugar, de modo que ao cabo de alguns momentos a casa silenciosa encheu-se de vozes e de ruido. — A janella fechou-se, e breve agitação pareceu dominar um instante.

— «Que homem é este Dr. João Pinto Ribeiro — dizia um cavalleiro muito moço que a todos se avantajava no airoso do corpo e no atilado do espirito — que invisiveis servos tem elle, que não ha ver um que seja. — Se o não soubera tão bom christão dissera que se faz servir por feitiçeras. . . »

— «Esta cautella de fazer retirar todos os familiares, é uma das da sua grande prudencia e juizo . . . Todo o disfarce é pouco — respondeu o ancião. —

— «Por isso nós — acudiu outro d'alli — deixámos longe as nossas carroças para evitar que seja conhecida esta reunião e livrar-nos de importunas testemunhas. . . »

— «E andastes bem — tornou D. Miguel d'Almeida. — Sabei porem, senhor, que João Pinto não está ainda aqui. Espera-se hoje mesmo do Alemtejo. Da resposta que nos trouxer veremos o que se deve fazer.»

— «Muito madrugastes vós para tanto saberdes — atalhou sorrindo o conde d'Athouguia. —

— «Sim, madruguei. — Já me não soffria o animo taes delongas, que se assim continuarem serão a perdição de todos. Tive aviso de João Pinto e vim esperar-vos, confesso porem que já pouco paciente. . . »

— «Convinha deixar adormecer a cidade — interrompeu D. Francisco Coutinho. — O segredo maior. . .

— «É o maior penhor da nossa segurança — acudiu D. Miguel d'Almeida — é certo. . .

E tinha razão — que os cavalleiros reunidos eram os fidalgos conjurados para salvarem a patria do dominio de Castella. — Não passavam de quarenta (*) — e estes quarenta hião arvorar o estandar-

(*) O conde da Ericeira. — Portugal Restaurado — liv. 2.º pag. 98.

te da liberdade portugueza, quebrar as algemas do povo, pôr na cabeça de um rei nosso aquella corôa vacillante, perdida não nas guerras d'Africa mas nos conselhos de Castella. — Quarenta, sós, iam declarar guerra á Hespanha — á grande Hespanha de Carlos 5.º, toda abundante de bons soldados, que estendia os braços pela Europa, e nas mãos segurava as Indias — á Hespanha rica, á Hespanha poderosa, á Hespanha que nos roubára os nossos thesouros, que nos levára as nossas melhores tropas deixando-nos pobres e desarmados.... Temos visto na historia grandes revoluções — nenhuma tamanha, tão ousada e milagrosa como esta! — Sem exercitos appercebidos, sem armas, e sem defezas! — n'um reino occupado por tanto inimigo de fóra e de casa! — ao pé d'outro que não tinha mais que dizer ás suas armadas: «levantai ferro» — e aos seus exercitos: «marchai» — era muito! — Que nos mostrem tal feito essas chronicas estrangeiras que nos veem aqui blasonar grandezas!

— «Estamos todos?» — perguntou D. Miguel d'Almeida — a quem os annos e o geral respeito tornavam mais auctorizado. —

— «Todos — responderam á uma os cavalleiros. Aqui fez-se uma pausa grande. — Em quanto tomavam suas cadeiras e se ajuntavam em irregular semicirculo uma nova personagem se appresentou. — Era um sacerdote.

— «Bem vindo, reverendo P.º Nicolau da Maya — disse o ancião — que novas nos trazeis?» —

— «Boas — respondeu o digno P.º — Os juizes do povo, o escrivão, os mestres, e alguns dos da casa dos Vinte-e-quatro estão por nós. — Conservam-se porem receosos do mau resultado daquelles tumultos d'Evora, e nenhum movimento farão sem verem que vos moveis.»

— «Nem lho pedimos tambem — atalhou Pedro de Mendonça, que já conhecemos. — Disponham-nos elles o povo que o mais corre por nossa conta.»

— «Tudo está prompto, senhores — disse D. Miguel d'Almeida, erguendo-se — só nos falta a resposta do Sr. Duque.... estas demoras.... — Estas demoras podem deitar-nos a perder — acudiu D. Antão d'Almada, mais moço que D. Miguel d'Almeida, porem não menos venerando. — O nosso segredo anda já por muitos ouvidos... e um só que boqueje disto...

— «É verdade, senhor — clamou D. João da Costa (**), o brioso moço que ha pouco já ouvimos — é verdade que são más as demoras.... mas que esperaes vós de tão poucos como somos? Não me eximo eu, senhor. — Este braço está prompto. Não heide recuar, antes lá veremos quem primeiro vai na frente — Não receio por mim, não, senhores, mas pela patria!... mas por vós, esperanças della!... por vós e por ella... isso sim.... receio, e receio muito. Olhai em roda de vós, senhores, que vedes nos nossos castellos?... quem nos garante as fortalezas?... Olhai... Os canhões de Castella estão de todos os lados assestados para nós... Onde estão os nossos navios!... O que é feito dos nossos soldados?... Lá andam a dizima-los por fóra... E quereis vós, senhores, em tamanho apuro de tudo commetter tal feito.... e assim tão precipitados?... Por cada inimigo que suffocarmos

renascerão mil... Não, senhores, não é assim que eu entendo salvar a patria... Não lhe vale sangue derramado... a força e a prudencia é que lhe hão-de valer. Deixemos amadurecer estes projectos, que nos cumpre morrer deixando-a escrava... e mais escrava que dantes.... Sacrifiquemo-nos por ella... mas deixemo-la livre... Isso sim...»

— «Isso sim, mas já! — interrompeu D. Miguel d'Almeida vendo o effeito que as palavras de D. João da Costa iam fazendo em todos os animos. — Se vos não conhecêra tanto, D. João, se não soubera que leite bebestes e que sangue herdastes... diria que esse coração não é portuguez.... Socegai-vos, mancebo — não o digo nem o penso...

O moço calou-se e ficou assentado, e o ancião conhecendo a dureza do que dissera chegou-se a elle e batendo-lhe no hombro com affecto e familiaridade continuou: —

— «Fui amigo de vosso pai... Vimo-nos em Africa... e de vós sei que não valeis menos do que elle... Não vos scandaliseis do que me ouvistes.... De prudente foi o vosso fallar... ou antes de prudente fóra se fossem outras as circumstancias.»

— «Dizeis bem — Sr. D. Miguel d'Almeida — interrompeu D. Antão d'Almada e D. Alvaro d'Albranches que estavam junto d'elle.

— «Digo, sim, Srs. — Poderemos nós já agora recuar? Deixarnos-hemos ficar com essas prudencias, tão imprudentes aqui, a aguardar que Miguel de Vasconcellos e o conde duque nos ponham as cabeças sobre o cepo! Quando, aonde, e de quem esperámos nós melhora? Deixaremos que de dia para dia vá crescendo este poder que nos esmaga? Deixaremos que de todo imponham o jugo ao povo e a nós nos mandem acabar longe?... Não, senhores, não temos esperanza senão em nós... Se morremos, adeus Portugal... acabou só alguns dias mais cedo, mas acabou como um homem.... Se vivermos, se Deus, que é por nós, nos dá a victoria... e hade dá-la... então, senhores, então... vede que immensa gloria nos acena!... honras e riquezas.... as benções desse povo que para nós apella... a admiração de toda essa Europa que em nós porá olhos de pasmo.... e nos mostrará como exemplo.... e apontará com espanto os que assim ousaram pôr peito a tanto perigo e livrar-se de tamanha vergonha... Morrer por morrer, senhores, antes morrer ahí n'um terreiro com armas e pelejando... do que n'um patíbulo... que nem portuguez será... Que diriam de nós, senhores?... que nodoa para nossos brasões se poder dizer-se: «os netos dos cavalleiros de Aljubarrota... os herdeiros dos leaes portuguezes de D. João 1.º tiveram medo... recuaram de susto diante d'uns poucos de castelhanos.»

— «Não hão-de dize-lo de mim — bradou D. João da Costa, erguendo-se e scintillando-lhe a vista.

— «Nem de nós — bradaram todos!

E o mesmo movimento levou todas as mãos aos punhos das espadas.

— «Assim, assim — clamou o nobre ancião voltando para elles olhos satisfeitos. — Foi assim que se venceu em Aljubarrota, e assim havemos de nós vencer.

— «Havemos! — Interrompeu uma voz estranha. Voltaram-se: era o Dr. João Pinto Ribeiro que chegara. Vinha todo coberto de pó. — Os cabellos desordenados, os vestidos sem alinho. Via-se que estava cahindo de cansasso, mas o seu porte era firme, o gesto e a voz socegados.

(**) Sabemos que todos concordam em dizer que D. João da Costa só fóra avisado da conjuração e convidado para tomar parte nella tres dias antes; não podemos porem resistir ao desejo de pôr em scena esta nobre figura, que la Clede calunha tanto.

— «Que resposta nos trazeis, doutor?»
 — «A melhor. — O duque meu senhor conforma-se com tudo o que fizerdes e tudo vos approva.»
 — «Quaes devem de ser as victimas?»
 — «As menos possiveis. Miguel de Vasconcellos é indispensavel. É justiça que se deve ao povo.»
 — «Que dia aprazâmos?»
 — «Sabbado, 1.º de dezembro.»
 — «A hora do perigo está chegada — interrompeu aqui D. João da Costa — bem vinda seja. — Por ella porem e pela santa causa que defendemos vos peço eu uma mercê, Srs., não ma recuseis.»
 — «Qual é?» — perguntou D. Miguel d'Almeida.
 — «O posto de maior risco, e nesse um logar da vanguarda.»

— «Heisde te-lo que o mereceis — respondeu o velho abrindo-lhe os braços e apertando o mancebo ao peito.

— Deus nos ajude, senhores — disse João Pinto desbarretando-se e ajoelhando.

As lageas sonoras fizeram retinir as espadas daquelles quarenta, que todos ajoelharam e dobraram as cabeças devotamente para orar. A lua ia passando!

Aquella liberdade sim, que se apoiava na religião e no amor da patria. Aquella sim, que não havia duvidar dos que iam erguer-se por ella.

Se os castelhanos o soubessem!

[Continúa].



D. FRANCISCO GOMES DO AVELLAR.

No MEIO dos alvoroços, transtornos e indecisões do seculo actual, quando de toda a parte chovem censuras contra a moralidade e tendencias da presente geração, grande consolação é trazer á lembrança os nomes e as obras daquelles varões portuguezes, contemporaneos nossos, que tivemos a felicidade de tratar ou de conhecer, e que por desinteresse, piedade, e outras virtudes assim religiosas como sociaes, por letras e magisterio, pelo exercicio e cabal desempenho de eminentes logares e arduos encargos, se abalisaram deixando-nos honrada memoria, indelevel saudade, e exemplos dignos d'imitação. — Para que sirvam de argumento a favor da nossa idade, só lhes falta que o lapso do tempo confirme a sua bem merecida reputação, do mesmo modo que os caracteres d'antiguidade trazem mais respeito aos edificios sumptuosos: tambem falta a penna do escriptor eloquente e desapaixonado, que reuna os dispersos materiaes da historia desses homens distinctos e benemeritos, e levante o padrão de gloria alheia e propria; e não duvidâmos de o dizer, vendo passar á posteridade Fr. Luiz de Sousa a par de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Jacintho Freire a par de D. João de Castro.

Facil nos seria, mais do que muitos pensam, es-

colher exemplos na briosa carreira militar, na grave magistratura, no venerando sacerdocio, e emfim nas outras graduações sociaes; porem, não tomando esta these por especial assumpto, restringir-nos-hemos a citar na jerarchia ecclesiastica, tres varões, fallecidos em nossos dias, celebres no reino e fóra d'elle, de tão subido merito que ninguem ousa contesta-lo: D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas-boas, o sabio prelado de Beja; D. Fr. Caetano Brandão, o exemplarissimo arcebispo de Braga; D. Francisco Gomes do Avellar, o resplendor da igreja do Algarve, e cuja recordação vive perenne na saudade e benções dos seus diocesanos. Já que tivemos a fortuna de obter o retrato deste ultimo, traçaremos em nossas columnas o bosquejo da sua memoravel biographia: antes porem de entrar na materia, incumbe-nos dar testemunho de gratidão a quem de justiça compete, declarando que ao Ex.^{mo} Sr. D. Fr. Antonio de St.^o Illidio, bispo eleito de Aveiro, somos devedores da copia fiel do mesmo retrato, que S. Ex.^a mandou tirar expressamente, dando-nos conhecimento della e ao mesmo tempo permissão para se gravar e estampar; mostrando em tão acertada lembrança o seu zelo illustrado, a veneração que tributa á memoria dos prelados il-

lustres, e o desvelo que lhe merece tudo o que respeita o Algarve, cuja igreja governou provisoriamente por algum tempo. —

A 17 de janeiro de 1739, no logarejo do Matto, termo da villa de Alhandra, nasceu em humilde condição, D. Francisco Gomes do Avellar; contando 14 annos de idade foi entregue ao cuidado de um tio seu, cura na igreja patriarchal, que o mandou aos estudos publicos da congregação do oratorio na real casa de N.^a S.^a das Necessidades; nelles fez taes progressos que admiraram os professores, e lhe franquearam a entrada naquella corporação respeitavel, que tantos sabios deu a Portugal, e um numero infinito de aproveitados discipulos a todas as classes da sociedade, onde porventura alguns florecem hoje. — Admittido ao religioso instituto de S. Filipe Neri, cresceu em virtudes como em sapiencia: ensinou com applauso a philosophia, e a theologia, tão profundo nestes ramos da verdadeira sciencia, quanto maduro na lição meditada das escripturas e dos santos padres, do que as suas pastoraes são segura abonação. — Tendo-se-lhe proporcionado a occasião de acompanhar a Roma monsenhor Pacca, nuncio apostolico em Lisboa, aproveitou esta visita á capital do orbe christão para fecundar o seu espirito e adquirir o perfeito gosto das Bellas-Artes, que patenteou no decurso da sua vida: abi travou conhecimento com dois famosos pintores portuguezes, o eximio Sequeira, e o bem conhecido Vieira, o moço; destes teve dois quadros, que depois collocou na residencia episcopal de S. Braz. Do summo pontifice, Pio 6.^o, então reinante, recebeu distincto acolhimento.

Não pôde occultar-se a virtude, e o merecimento, por mais que a escondam a abnegação propria e a modestia. — As raras qualidades, que concorriam na pessoa do congregado, Francisco Gomes, tinham apesar da sua humildade, refulgido com luz tão clara, que não houve sombras que se interpozessem entre o claustro e escholas e a côrte e regio throno: conheceram os ministros, chegaram aos ouvidos da soberana o prestimo scientifico, o admiravel procedimento do futuro bispo do Algarve; pois como tal o nomeou, sem acceitar desculpas, a piedosa rainha, a Sr.^a D. Maria 1.^a — Ainda não estava no exercicio do alto sacerdocio a que o destinára a magestade, quando se lhe offereceu occasião de manifestar o seu animo recto e independente, o seu character firme, e genio bemfazejo: participaram-lhe que a rainha pertendia impetrar breve pontificio para impôr ao bispado uma pensão de dois contos de réis a favor do tribunal da inquisição; respondeu logo que por nenhum modo o consentiria, e partiu immediatamente para Salvaterra, onde estava S. M., e apesar das instancias da soberana, que lhe ponderava ser avultado o rendimento da mitra, continuou a resistir allegando que por maior que fosse tal rendimento sempre seria limitado, tanto para soccorrer os pobres, como para reparar as igrejas, que elle sabia acharem-se precisadas disso e das alfaías do culto; pois que estas eram as devidas applicações das rendas dos bispados; e quando outra cousa se fizesse elle não acceitaria o baculo pastoral. Com effeito a imposição não foi lançada; e o digno prelado foi sagrado aos 26 d'abril de 1789, tendo sido expeditas as bulhas pela santidade de Pio 6.^o em 29 de março do mesmo anno.

Seguir a carreira longa e benefica deste homem respeitavel, que foi não só espirital pastor, mas

pai amoroso do povo, que regeu, especialmente dos miseraveis e desamparados; que tanto esmero poz no culto divino e no melhoramento dos costumes, como nas commodidades publicas e no adiantamento da agricultura e das artes, seria tecer larga historia, onde todavia não fóra preciso recorrer ás côres do panegyrico: appresentaremos sómente as feições preminentes de seu character, epilogando os actos principaes da sua vida. — Começou a exercitar o seu ministerio sagrado visitando toda a diocese: estas visitas geraes repetiu tres vezes durante o seu governo, a fóra muitas parciaes a diversas e apartadas freguezias; presava-se de que o pastor fosse conhecido do rebanho; nestas occasiões desempenhava os officios sacerdotaes, e prégava com extrema clareza e simplicidade, accomodando-se á comprehensão dos rusticos, e bem assim á intelligencia dos meninos quando lhes explicava a doutrina, sendo mais que as palavras o seu exemplo uma viva doutrina moral: admoestava em particular os escandalosos excitando-os pela persuasão á reforma de vida: se acontecia ter de levar-se o sagrado Viatico a algum enfermo, em pessoa o ia ministrar, deixando sempre esmola quando o doente era necessitado. — Nas visitas do bispado accudia tambem ás urgencias temporaes; e não só examinava as igrejas que careciam reparadas, como tambem as estradas e outros caminhos, as pontes e outros passos dos rios e barrancos, para providenciar opportunamente; observava o estado da cultura, recommendando e ensinando os melhores methodos em conversações, que travava com a gente do campo, devendo-lhe particular cuidado a plantação e manança dos arvoredos: o seu natural affavel fazia com que nestas materias o escutassem com attenção, e fosse de todos bemquisto. Pela efficacia de seus conselhos promoveu a propagação das oliveiras indicando a enxertia dos zambujeiros; e porque alguns fazendeiros eram negligentes dos proprios interesses sollicitou do governo ordem para que as camaras os obrigassem a pôr em pratica a enxertia quando os troncos estivessem aptos, sob a comminação de multas pecuniarias; expediente que produziu proficuos resultados. A preparação do figo, por ser um dos productos agricolas mui rendoso para o Algarve, mereceu-lhe tanta attenção, que publicou uma pastoral recommendando como tal preparo devia ser feito: igualmente mandou circular instrucções escriptas para diffundir a tão vantajosa cultura das batatas.

Rara será a obra publica de algum vulto no Algarve que, ou pela fábrica primitiva, ou pela conveniente reparação, deixe de trazer á lembrança o nome de D. Francisco Gomes; assim, com bastante conhecimento de causa o assevera o A. da moderna Corographia daquella provincia. Mandou o benemerito prelado refazer as estradas em muitos sitios, para cuja construcção deu elle proprio o desenho, que foi gravado e distribuido entre os encarregados das obras: por sua diligencia e com os socorros do seu dinheiro se lançaram as formosas e utilissimas pontes de Ludo, Marim, Cacella, e Marxil, e do mesmo modo se effectuou a calçada sobre o sapal, que conduz á barra de Portimão, e que está construida com solidez, facilitando commodidade e segurança aos passageiros.

O excellente hospital da Misericordia da cidade de Faro foi obra que elle promoveu e concluiu, já sollicitando esmolas e donativos, já concorrendo com os dinheiros da mitra, em mais avultada por-

ção: outros semelhantes hospitaes do bispado lhe occuparam o cuidado, e ao de Faro visitava a miúdo, espargindo consolações aos enfermos com sua presença e palavras, mandando á propria custa provê-los das necessarias roupas: nas boticas d'alguns desses pios estabelecimentos mantinha partidos annuaes para se ministrarem gratis os remedios aos pobres. Nas medicinaes Caldas de Monchique mandou fazer novas accomodações e precisos reparos no hospital que recolhe os pobres, e tinha concebido o designio de tornar mais extenso e aproveitavel o edificio, chegando a ajuntar materiaes para o levar a effeito, quando a morte veio tolher o complemento de suas intenções patrioticas e bemfazejas. Com sua actividade na erecção de obras uteis, tinha premeditado algumas que levaria a cabo se a morte não atalhasse os seus intentos; entre outras alargar e aformosear com edificios a praça de Faro, onde alem do hospital da Misericordia, já mencionado acima, tinha feito construir o formoso arco de cantaria, com duas columnas de ordem jonica, e cimalha corrida em que assenta um nicho, que recolhe a bella estatua de St.^o Thomaz d'Aquino, de marmore branco, e oito palmos d'altura, que mandára vir de Italia: para estas obras tambem chamou de Genova o architecto Fabre, e assim outros artistas que com suas instrucções deixaram boa eschola no Algarve. Acabou o seminario, a que lançára os alicerces o seu antecessor, D. José Maria de Mello, empregando nesta edificação os rendimentos da mitra: é edificio amplo e bello, capaz de accomodar 30 alumnos e os empregados, com enfermaria, refeitório, e officinas adequadas, tudo construido com largueza e proporção ao seu respectivo destino: comprehende para o sacrosanto sacrificio e outras funcções do culto uma linda capella adornada de quadros italianos muito apreciaveis, nomeadamente o do retabulo do altar-mór, que representa o Menino entre os doutores. Poz na rapida conclusão deste estabelecimento importante a mais assidua diligencia, como quem perfeitamente conhecia quanto convinha instruir o clero, para que fosse o preceptor illustrado do povo e este respeitasse a doutrina que daquelle recebia: eram palpaveis para o sabio e virtuoso prelado os males que produz a insipiencia, companheira de caprichos contumazes, d'insoffríveis orgulhos, que, como a sizania nos campos, bastam para estragar a mais esperancosa seára. Quiz portanto que os ecclesiasticos creados na sua diocese se aperfeiçoassem no estudo das humanidades, para depois se applicarem, cultivados os espiritos, ás disciplinas proprias do seu ministerio sagrado: a este fim ordenou sizudos estatutos para o regimen interno; estabeleceu aulas de theologia dogmatica e moral, de instituições canonicas, de Escripura santa, pagas pela mitra, e fez que se lhe reunissem as escholas publicas de linguas, bellas-lettras e philosophia, que o estado mantinha na cidade, formando dest'arte um curso de estudos o mais regular para as circumstancias, de que o publico igualmente tirava proveito: e não só eram admittidos os seminaristas, quasi todos sustentados pelas rendas destinadas á manutenção do seminario e pelas do bispado, como tambem porcionistas que pagavam segundo suas posses.

As formosas igrejas de Albufeira, Santa Maria de Tavira, Aljezur, S. Braz d'Alportel, Cacella, e S. Luiz de Faro foram erectas de novo ou quasi, sob a sua immediata inspecção, correndo com todas as despesas; e a todas sagrou, gastando do seu

bolsinho nas solemnidades de tão augustos actos não pequenas quantias; nas immediações fundou cemiterios, e deu ordem para outros em diferentes freguezias, tendo que vencer os obstaculos que oppunham os habitos inveterados dos povos ao estabelecimento desses campos santos, para repouso dos mortos; cujas sepulturas a civilisação, para a salubridade publica, não deve consentir que se abram nos templos: o zeloso prelado, tão sabio quanto religioso, deu em seu bispado providencias, que foi preciso depois do lapso de muitos annos promulgar em decretos reaes, como ha pouco vimos, para que se generalisassem por todo o reino. No seu tempo havia cemiterios na maior parte das freguezias do Algarve.

Costumava ter de reserva paramentos, que distribuia ás igrejas, que os precisavam; e quando as fábricas parochiaes tinham algumas rendas proprias, posto que escaças, tomava a seu cargo fazer-lh'os preparar e a quaesquer alfaías, de que estivessem desprovidas, despendendo sempre do seu, porque jámais olhou a gastos nos objectos pertencentes ao culto, que fazia celebrar com decencia e grãvidade, e nas festas mais solemnnes com a pompa e apparato, que requerem os augustos mysterios do christianismo. Teve a rara condescendencia de celebrar de pontifical em quasi todas as igrejas do bispado.

A caridade, fogo sagrado que abraza os corações dos eleitos de Deus, que Jesus-Christo na sua missão redemptora tanto recommendou aos homens com a força do preceito, e com os seus estupendos exemplos, até para com os inimigos; essa virtude a mais formosa de quantas podem dar lustre á fragil humanidade, resplandeceu com viveza e permanencia na pessoa do prelado venerando, que commemorámos. Interrogue-se a tradição de seus beneficios, e dos soccorros que ministrava aos pobres e afflictos, duradoura entre o povo algarvio: e as lagrimas de muitos, a sincera confissão de todos, dará testemunho de verdade em honra da memoria do *bispo apostolico*, como lhe chamou o seu metropolitano, o respeitavel D. Fr. Manuel do Cenaculo: comprazemo-nos em repetir esta expressão, porque se veja que os homens verdadeiramente grandes são os mais aptos para avaliar os que os igualam.

D. Francisco Gomes do Avellar acudia tão desveladamente aos necessitados, lastimava tanto a penuria, que, deduzidas as despesas absolutamente necessarias, patrimonio dos pobres, da diocese era o restante, pois que entre elles o repartia. Já vimos o como dotava os estabelecimentos de beneficencia: saiba-se agora que não satisfeito com as numerosas esmolas avulsas, que ou no paço distribuia, ou fazia chegar aos alvergues da indigencia envergonhada, estipulava mezadas certas, [que montavam a mais de cem mil réis] ás viúvas e orphaãs faltas de subsistencia. Dilatava-se a sua caridade a todos os pontos, onde podia enviar consolações: — com auxilios pecuniarios favorecia a miúdo e liberalmente os recolhimentos das orphaãs em Faro, em Lagôa, e em Tavira.

E quão parco era comsigo quem tanto dispendia em alheio proveito! Se o observarmos no regimen domestico descobriremos quanto eram limitados os gastos com sua pessoa e casa. Trajava com a gravidade propria de seu estado e dignidade, mas sempre manifestando aquelle amor de religiosa pobreza, aquelle espirito de humildade, que no claustro, e na cadeira episcopal o distinguiram: trazia no uso quotidiano os habitos prelaticios sempre de laã, e

tão sómente usava dos de seda nas grandes solemnidades da igreja. A mobília do palacio de sua residência era a indispensavel sem fausto, demasia ou riqueza: não comprou moveis de prata para serviço, e os poucos que deste metal precioso havia tinham sido aquisição dos seus antecessores. A mesa diaria era frugal mas farta, sem requintadas delicadezas, manjares superfluos, ou estímulos para a sensualidade do paladar: os convites que fazia ao clero e ás pessoas distinctas limitavam-se a certos dias festivos, que solemnizava annualmente na capella do seminário: nessas como em todas as occasiões a urbanidade no trato e na conversação o tornava querido de todos: sabia o digno prelado sem quebra da austeridade da vida, nem do decoro pontifício, usar da brandura e moderação, que fazem accessíveis aos inferiores os homens que a Providencia collocou em cargos eminentes. — Nem esta doçura empregada opportunamente o privava de manifestar a rigidez de seus principios, quando era preciso combater com energia a introdução dos vícios: foi sobretudo zelosissimo da morigeração do clero; porque sendo os ecclesiasticos os espelhos onde os seculares devem contemplar imagens da vida ajustada, não se lhes hade dividir a menor mancha: tanto para que ninguém possa, posto que desarrasoadamente, tirar de erros alheios conclusão para defender os proprios, como para que a doutrina se corrobore com a força irresistivel do bom exemplo, que conduz á imitação das boas acções e do recto proceder.

Nas epochas calamitosas é quando mais se acri-sola o soffrimento, quando realça a prudencia: invadiram os francezes o Algarve, como todo o reino; mas tal foi o procedimento do bispo, que poupou ás suas ovelhas muitos desgostos, e evitou muitas calamidades. Tinha-o posto Deus naquella logar, e elle não devia desamparar o seu rebanho: não esfriava em sua alma o zelo patriótico, como depois patentemente se viu, mas incumbia-lhe velar como o cuidadoso enfermeiro á cabeceira do doente em perigo. Testemunhas existem vivas da sua rara prudencia em trances tão difficéis. Depois que os impulsos do povo, para se resgatar do captivo e restaurar a dynastia legitima, se combinaram a fim de destruir o dominio dos intrusos, mostrou o bispo que em seu coração nunca jazeram amortecidos ou esfriados os brios de cidadão portuguez.

Em 1808, liberto o Algarve, e proclamada a independencia nacional, foi D. Francisco Gomes o presidente da junta installada em Faro, governando com um poder quasi supremo, em quanto o Monteiro-mór não assumiu a capitania geral e com ella o mando das armas da provincia; mas tambem quando este se recolheu á corte ficou o bispo investido de toda a auctoridade. Era cousa sobremaneira notavel ver como aquella alma energica, sem descontinuar nas tarefas de seu especial encargo, apressava as necessarias e preventivas obras na linha do Guadiana, para acautelar, para inutilisar os effeitos de uma irrupção dos francezes que occupavam ainda a Andaluzia. Por sua ordem se fizeram as fortificações, e não poupava jornadas e fadigas para ir examinar pessoalmente o estado defensivo, de que a provincia carecia: os transportes, os víveres, e outros fornecimentos foram subsidiados por conta sua; porque o homem desinteressado que consigo não consumia cabedaes, achava-os para as occasiões da publica necessidade. Nem elle era avaro,

nem fazia thesouro; contava com as rendas, delin-eava as obras, e tão destramente applicava esses réditos, que para todos havia quinhão. — Dos pro-ventos da mitra, especiaes e não alienados, podiam então dispor os prelados.

Em quanto a patria carecia immediatamente dos serviços do bispo, não se eximiu este do estranho e pesado encargo de uma jurisdicção politica e militar; mas tanto sollicitou, em circumstancias mais tranquillias, aliviar-se deste peso, que só provisoria-mente podia ligar-se ao seu ministerio, que alcançou ser nomeado um commandante das armas no Algarve; emprego de que foi investido o inglez João Austin. Tão apreciaveis eram porem os servi-ços de D. Francisco, que a corte lhe conservou as attribuições de capitão-general, e o titulo de *governador*, que teve até morrer. Nisto não ha senão uma prova de reconhecimento do merito, porque bem pouco curava de distincções o varão illustre, que á patria prestava desinteressadamente seus serviços.

Aos quinze de dezembro de 1816, passou a me-lhor vida, como piamente é de suppor, com as circumstancias, que de algum modo caracterisam a morte do justo. Celebrou o incruento sacrificio na sua capella; prégo do evangelho do dia, segundo o costume; confessou depois na sé; prégo á missa conventual, e tambem de tarde depois de vespéras; recolheu-se sem o menor indicio de molestia, não obstante a idade avançada: chamou o seu confes-sor, fez varias disposições; e quando todos os seus famulos se retiraram adormeceu na paz do Senhor com tal serenidade, que no semblante e compos-tura do corpo parecia vivo á chorosa familia que no dia seguinte o achou inanimado.

Assim que a infausta noticia da morte do varão esclarecido, do prelado benemerito, se espalhou rapidamente na cidade de Faro, as lagrimas de todos diziam quanto era para ser chorado o pai, o bem-feitor que perdiam: queixavam-se os pobres de sua orphandade; os abastados tinham perdido o amigo: a igreja estava viuva, e o rebanho destituido do sollicito pastor. O coronel inglez Austin, correu de Tavira, onde estava, a despedir-se [dizia] do seu amigo e general: e posto que á sua chegada já o corpo descansava no jazido, teve de erguer-se a campa; o official britannico desceu ao carneiro, con-templou mudamente o cadaver, e sahio debulhado em pranto: tanta força faz, até em animos d'estra-nhos, a saudade, que deixa apoz sua gloriosa car-reira o varão eminente e justo!

Qual arvore frondosa e util, que não só abasta-ce com fructos nutrientes e saudaveis, mas tam-bem presta sombra e abrigo, assim o egregio D. Francisco Gomes foi o protector do Algarve, promo-vendo-lhe vantagens de toda a especie; sendo o con-solador dos miseraveis que confiavam em sua tute-la e patrocínio. Todavia, apesar de vida integer-rima, de mãos sempre abertas para beneficios, de repetidas acções grandiosas, não escapou aos tiros mordazes da calunnia: parece ser destino dos ho-mens illustres passarem pelo crisol da mortificação, que deve causar a injustiça dos aleives e accusa-ções iniquas. Mas quão impotentes foram os esfor-ços da maldade para offuscar a reputação do nosso bispo! Dissiparam-se como nuvens passageiras, que por momentos obscurecem pequena parte do radian-te disco do sol; e quando as falsas imputações o obrigaram a comparecer na corte, adiante viera a mais cabal justificação, e innumeraveis eram as vo-

zes, os factos em seu abono, recolhendo-se á diocese melhorado [se mais podia sê-lo] no publico conceito, e na estima da corte.

Cerraremos aqui o nosso breve discurso, deixando aos futuros escriptores da historia ecclesiastica e civil do Algarve a tarefa de narrar circunstanciadamente as acções deste prelado venerando. — Se as biographias tem por fim não tanto o commemorar acontecimentos particulares, que se ligam com a historia de qualquer epocha, como o propôr á imitação dignos modelos, cremos que nesta parte disse-mos bastante, se não com os ornatos da eloquencia, ao menos com a exposição imparcial da verdade, que mais falla ao coração, e mais convence o espirito, que as estudadas lindezas de panegyricos pomposos.

Curiosa observação a respeito dos salmões. — O salmão é um peixe de sabor delicioso em quanto fresco, e tambem muito estimado quando posto de conserva, dita escabeche: frequenta em determinadas estações as aguas dóces das regiões frias, onde vem desovar, e nesse tempo se faz com proveito a sua pescaria: em o nosso Portugal encontra-se sómente nos rios da provincia do Minho, onde fazem delle muito apreço. — É notavel o facto, que vamos referir tocante a este peixe, e porventura será util n'algumas partes repetir e confirmar a experiencia.

Presumia-se que o salmão tinha o instincto de voltar aos rios, onde sahira da milha ou ova: ha cinco annos que em Inglaterra, onde este peixe abunda em muitas partes, verificou-se isto, que até então não passava de suspeita. — O duque de Sutherland, que nesta provincia, que lhe dá o titulo, é proprietario, entre outros muitos bens, dos pesqueiros de alguns rios, que desembocam no lago Shin [posto que pequenos appropriados á criação dos salmões, mas onde elles nunca appareciam] resolveu-se a fazer uma tentativa, e foi mandar buscar uns pares daquelles peixes vivos, e bem acondicionados em vasilhas proprias, aos rios que ficavam mais perto e que elles habitavam, no tempo em que costumam desovar. O resultado foi como se presumia, concorrendo os salmões ao sitio onde tinham nascido: e forçosamente eram elles, já pelo tamanho, já pela circumstancia de que tal especie de pescaria nunca tinha alli apparecido, e tambem porque ulteriores experiencias deram o mesmo effeito. Póde ser que por este methodo porfiosamente seguido se obtenha, dada a conveniencia do clima e qualidade das aguas, naturalisar o salmão em paragens que lhe eram estranhas.

Banhos de lodo. — De toda a casta de banhos, de certo que serão estes os mais novos para os nossos leitores: — pois ouçam o que diz Spencer nas *Viagens pela Circassia*. — Imaginai uma lagôa estagnada, e na maior parte convertida em lameiro, acima do nivel do qual sobresahe uma grande multidão de cabeças [porque os banhistas estão enterados até a barba] a fumar, a mastigar, a rir, a cantar, a fazer mômos, e algumas a gemer, formando a scena mais comica, que se póde ver: e ahi tendes estes banhos da Circassia. Passada uma hora, que tanto tempo gastam mettidos no charco, observareis outra scena não menos jocosa, quando o lago entra a deitar de si toda aquella chusma, composta de pessoas de diversas idades, uns correndo, outros coxeando, em direitura a alguns pe-

gos de agua limpa para se lavarem, carregando cada um com seu fato espetado na ponta d'uma vara, para se lhe não sujar no corpo. Em verdade que os corpos tostados daquelles habitantes, de apparencia por natureza cadaverica, e assim besuntados de lodo, figuram de algum modo á imaginação o espectaculo da resurreição universal.

As AVERIGUAÇÕES scientificas tem a vantagem de se encaminharem a gerar a liberdade de opiniões e destruir os preconceitos, que dividem muito mais efficaçmente as nações do que as barreiras naturaes. A sciencia de nenhum paiz é privativa, e os seus proselitos, seja qual fôr a sua naturalidade, compõem uma confraria numerosa e espalhada; e ligam-se mutuamente por laços de fraternidade e interesse, de forma que não ha hostilidade politica que os possa desunir.

APRECIAR as cousas conforme o seu uso real e verdadeiro, deve ser o esmero do individuo racional. Ha poucas cousas que conduzam á felicidade, logo são poucas as que se devem desejar com ardor. Quem olhar para os negocios e tumultos do mundo com a mesma philosophia com que Socrates revisitava a feira d'Athenas repetirá muitas vezes a exclamação deste sabio: — Quantas cousas alli ha, de que eu não careço! —

CERTO conde era muito mal casado, e em uma occasião, reprehendendo-o elrei, e perguntando-lhe porque não tinha paz com sua mulher, o que escandalisava toda a nobreza, o conde respondeu: — Senhor, porque ella quer o que eu quero, e eu quero o que ella quer. — A singular resposta deixou elrei e os circumstantes confusos, porque a todos parecia, que estando os esposos conformes, não havia motivo de rixa, e então elrei ordenou ao conde que explicasse o que isso queria dizer. — Senhor, continuou elle, eu quero mandar, e ella quer mandar, e por isso pelejamos.

Um provinciano, chegando a Lisboa, quiz que lhe inculcassem um bom procurador para tratar de certa demanda que tinha. Acontecia isto no anno de 1806, em que o officio de procurador era dos mais pingues. O provinciano julgando que trazia o procurador a tomar vivo interesse pela sua demanda, disse-lhe: — Senhor, eis-aqui os documentos, e por elles não ha quem possa negar-me justiça. — A observação do constituinte replicou o procurador — Ah senhor! acho-me melhor com as demandas em que não tenho justiça, do que com aquellas em que a tenho. Quando não tenho justiça compro-a, e quando a tenho fio-me nella, e acho-me enganado!

PEDINDO certo pertendente a elrei D. João 2.º um officio que tinha já provido, o monarcha lhe respondeu — que estava dado. O pertendente pondo-se de joelhos lhe beijou a mão. Perguntou-lhe elrei se o entendêra, e respondendo o pertendente que sim, continuou elrei: — Pois porque me beijais a mão? — Senhor, por cincoenta cruzados que trazia para gastar no requerimento e despezas deste negocio; e como V. M. me desenganou com tanta brevidade, supponho que me fez mercê delles.